

Mestrado Profissional em Historia da Africa, da Diaspora e dos Povos Indigenas



PÓS ABOLIÇÃO
Liberdade e Cidadania
Educação de Jovens e Adultos - Tempo Formativo III

GUIA DO PROFESSOR(A)

Fábio Batista Pereira

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA



Nobre Professor(a)

O material pedagógico intitulado **Pós abolição: liberdade e cidadania** é destinado ao público da Educação de Jovens e Adultos, Eixo VII. Trata-se de material didático elaborado no âmbito do Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e, portanto, não posso deixar de mencionar o seu caráter experimental.

A produção está dividida em três capítulos e tem a pretensão de apresentar alguns dos principais temas e reflexões a cerca da população negra após a abolição formal da escravidão, no Brasil. O objetivo maior é aproximar o público escolar a uma das áreas mais vicejantes nos estudos historiográficos sobre a sociedade brasileira: o Pós abolição

Para melhor manuseio desse material em sala de aula, os textos procuram ser objetivos, pois a carga horária de história nesse eixo corresponde a duas aulas semanais, cada uma com 40 minutos de duração, diferente, portanto, do diurno com períodos de 50 minutos.

Na escrita didática dos principais debates historiográficos sobre as populações negras foi realizado um grande esforço em oferecer aos estudantes uma linguagem acessível, sem contudo, perder o grau de complexidade próprio de temas.

A ausência de listas de exercícios no material do aluno é proposital. Explica-se em função, mais uma vez, das especificidades dos alunos e alunas da Educação de Jovens e Adultos, em sua maioria trabalhadores oriundos das classes populares cujo percurso formativo foi interrompido em algum momento da sua vida e por considerar a sala de aula um espaço privilegiado para o diálogo das experiências de vida desses estudantes no âmbito escolar. Desse modo, o material se limita apenas a inspirar os docentes a elaborarem - com base na realidade de suas classes - as questões e o tipo de exercício pedagógico mais adequado.

Por fim, a escrita didática da história para alunos da EJA não pode em nenhum momento infantilizá-los. Pelo contrário, é preciso reconhecer nessa modalidade de ensino as especificidades: são jovens e adultos com atuação no mercado formal e informal de trabalho, pais e mães de família, cidadãos a quem o Estado deve garantir o direito a uma educação pública de qualidade.

Vila de Belém, Cachoeira 09 de fevereiro de 2015

ESTRUTURA DO MATERIAL PEDAGÓGICO

Vamos conhecer a proposta pedagógica:



Abertura do capítulo. Traz o título e em seguida uma imagem e um box introdutório sempre com uma provocação do tempo presente: o caso de racismo sofrido pelo goleiro do Santos Futebol Clube pelo Campeonato Brasileiro de 2014 serve como ponto de partida para refletir sobre temática proposta no capítulo II, por exemplo. Trata-se de um recurso importante que o professor poderá fazer uso ao manusear o material em sala de aula.

TEXTO BASE

Então a liberdade...

Como vimos na abertura desse capítulo, a escravidão ainda persiste em muitos lugares e precisa ser denunciada e enfrentada pelos poderes públicos, entidades da sociedade civil organizada e, principalmente, pelos trabalhadores e trabalhadoras submetidos a esse tipo de exploração.

A província da Bahia, no ano de 1887, possuía cerca de 76.838 escravos.

O texto base objetiva apresentar os temas historiográficos a partir de uma linguagem acessível e, portanto, de fácil leitura. Habilidades e Competências (ver quadro na página tal) embasam o trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores e alunos em sala de aula. Pequenas “caixas de texto” podem aparecer dentro do texto base com informações adicionais.

Documento e História

A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Ao longo dos capítulos apareceram sempre as seções: **Tempo de Refletir, Documento e História, Por dentro da História e Leitura Complementar**. Dentro do projeto visual e pedagógico esses quadros permitem trazer elementos ausentes do texto base com trechos de leis, imagens e a produção de autores importantes no âmbito das ciências sociais e da história.

O Negro e a produção historiográfica no Brasil: algumas palavras

No Brasil, os estudos mais atuais sobre o negro produzidos a partir dos programas de pós-graduação *stricto sensu* – Mestrado e Doutorado - podem ser caracterizados pela renovação¹ das abordagens de temas clássicos no período da escravidão e, ao mesmo tempo, pelo crescente interesse dos pesquisadores sobre os anos que se seguiram ao fim da escravidão: trabalho, cotidiano, lutas sociais, gênero, família, cultura, cidadania negra.

De acordo com Walter Fraga Filho,

A grande virada foi no sentido de uma abordagem cultural que permitiu ir além dos limites da escravidão, e pensar a religiosidade, redes sociais, relações familiares, formas de morar, de se divertir, de preparar os alimentos e de se rebelar contra a escravidão. E, o mais importante ainda, refletir sobre as referências africanas e avaliar de que maneira elas interagiram com as culturas locais e estiveram presentes no cotidiano dos africanos e dos seus descendentes.³

No Brasil e em outras partes do mundo – Caribe, Estados Unidos, África – os pesquisadores preocupados em estudar a temática do negro no contexto da diáspora africana têm contribuído para pensar as formas de resistência empreendidas pelos escravizados, as visões e projetos de liberdade, as negociações e conflitos e a construção das identidades em contextos sociais e históricos demarcados por relações raciais.

Em 2004, Hebe Matos e Ana Maria Rios ao publicarem o artigo: **O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas** revelam as rupturas e o esgotamento dos modelos estruturais de explicação – marxismo e estruturalismo – em curso na Europa nos fins dos anos sessenta e setenta e os seus reflexos no Brasil a partir dos anos oitenta.

“[...] um rápido balanço sobre a historiografia das sociedades pós-emancipação nas Américas, permite perceber que esta redefiniu, nos últimos anos, alguns dos conceitos chave para a abordagem da história do período. É comum percebermos nos textos sobre o assunto expressões que passaram a ganhar significado próprio. Uma delas e provavelmente a mais importante é a de “significados da liberdade” ou “visões da liberdade”. A partir dessas expressões, os historiadores vêm tentando resgatar a agência social dos libertos na construção das sociedades pós-abolição, buscando perceber em que medida o evoluir das sociedades que atravessaram este processo foi também moldado pelas ações dos próprios libertos.”³

A renovação do quadro teórico da História Social, da Nova História, da História Cultural e Micro-história determinaram a emergência de novos objetos, o enfrentamento dos problemas metodológicos em face da ampliação da idéia de fontes, o interesse pela memória, os movimentos sociais, o debate em torno da cultura, o esforço em alcançar sujeitos “esquecidos” e do interesse pela “*history from Bellow*” exercendo forte influência na Nova Historiografia da Escravidão.

De forma muito resumida todos esses movimentos têm influenciado o “fazer” historiográfico determinando-lhe o interesse e as possibilidades metodológicas de estudos sobre: o cotidiano, o gênero, a sexualidade, as relações étnico-raciais e a construção de identidades, a loucura, a morte, a infância, os odores e etc.

Além disso, seria um grande equívoco perder de vista as vicissitudes no campo historiográfico e principalmente a estreita relação com a qual a história tem mantido com a antropologia, a psicanálise e a literatura, o que não será feito aqui por fugir inteiramente do assunto em tela.

Assim, a história dos negros ganha relevo a partir da sua agência, do seu protagonismo no contexto da vida social.

Em linhas gerais, as avenidas abertas pelos trabalhos de pesquisadores de proa como Robert Slene, João José Reis, Flávio Gomes, Sidney Chalhoub, Hebe Mattos, Walter Fraga Filho, Wlamira Ribeiro Albuquerque, Antonio Liberac tem influenciado uma produção cada vez mais comprometida em recuperar a complexidade das relações escravistas na história do Brasil e os seus significados para a contemporaneidade do qual a superação do racismo ainda permanece na ordem do dia.

Notas

1-Em oposição à perspectiva desenvolvida pela escola sociológica paulista – grupo que reunia: Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso – que encarava o sistema escravista como uma máquina repressora que impedia o desenvolvimento de qualquer relação estável entre cativos. Ao ressaltarem o aspecto violento da sociedade escravista, se por um lado colaboraram para o fim de estereótipos de uma escravidão branda relacionada ao Brasil, por outro os escravos desapareceram como sujeitos históricos.

2-Revista de História, 1, 1 (2009), pp. 119-124.

3- TOPOI, v. 5, n. 8, jan.-jun. 2004, pp. 170-198.

QUADRO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES (HISTÓRIA)

Embora as competências e habilidades para a Área de Ciências Humanas mantenham profunda relação umas com as outras seguem aquelas com que o presente material didático procura com maior intensidade dialogar.

Competência de área 1 – Compreender os elementos culturais que constituem as identidades

H1 - Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

H2 - Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.

H3 - Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos.

H4 - Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

H5 - Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

Competência de área 3 – Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

H11 - Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

H12 - Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.

H13 - Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

H14 - Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

H15 - Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.

Competência de área 5 – Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

H21 - Identificar o papel dos meios de comunicação na construção da vida social.

H22 - Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.

H23 - Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.

H24 - Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

H25 – Identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

CONCLUSÃO

Os resultados apresentados nesse trabalho são indissociáveis do lugar da sua produção: de um lado as escolas nas quais leciono e no outro o Programa de Pós Graduação de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O referido Mestrado Profissional surgiu como resposta à grande procura de professores da educação básica e de estudantes graduados em diferentes áreas do conhecimento interessados em aperfeiçoar a prática da pesquisa, garantir formação/qualificação continuada no contexto educacional marcado pelo tencionamento do currículo escolar em virtude das leis 10.639/03 e 11.645/08.

A expansão de programas de mestrado profissional no âmbito da pós graduação stricto sensu, no Brasil, está ligado fundamentalmente às demandas do mercado, por profissionais capazes de conjugar pesquisa/resultados, ações/intervenções em um cenário de extrema competitividade e portanto, ávido por inovações nas áreas de gestão, tecnologia e controle de qualidade, de modo a atingir padrões de excelência. Desse ponto de vista, os debates em torno da consolidação do mestrado profissional em nas áreas de tecnologia tem, inclusive, sinalizado para o estabelecimento de parceria e financiamento junto a empresas diretamente interessadas na consolidação de determinados produtos.

No campo da educação, o mestrado profissional se volta para a formação continuada de professores prevista nos documentos legais, a exemplo da LDB. Desse ponto de vista, o mestrado profissional tem como princípio oferecer aos professores(as) a possibilidade de apreender os instrumentos de pesquisa a partir da investigação de objetos de estudo situados no âmbito do seu exercício na escola, na sala de aula, na sua disciplina, no sistema municipal e/ou estadual de ensino, na sistematização de conhecimentos válidos da perspectiva dos conteúdos e metodologias.

A avaliação da CAPES referente ao triênio 2010-2012 revela a existência de 3.337 programas de pós-graduação, que compreendem 5.082 cursos, sendo 2.893 de mestrado, 1.792 de doutorado e 397 de mestrado profissional.

Na área de história os números são bem modestos: apenas 03 cursos de mestrado profissional no âmbito dos 65 Programas de Pós Graduação em História reconhecidos no Brasil. Outros 06 são recomendados pela CAPES e aguardam homologação.

O objeto e os resultados dessa pesquisa estão situados nesse contexto de ampliação do mestrado profissional de história e as possibilidades de intervenção no campo no qual o professor já atua, sem contudo, perder de vista o rigor teórico-metodológico da pesquisa, elementos comuns ao mestrado acadêmico e profissional, cuja diferença se manifesta de maneira radical na forma do trabalho de conclusão do curso, dos ritos e exigências para a sua proposição junto à CAPES, e ao sistema de bolsas de estudo em discussão no atual quadro da ordem das coisas.

Assim, o fortalecimento das práticas de ensino e aprendizagem nas escolas de Cachoeira-Ba e São Félix-Ba a partir da formação continuada concorre para o fortalecimento do professor-pesquisador com impacto na melhoria da qualidade do trabalho desenvolvido na sala de aula e no universo escolar como um todo. Todas as experiências apresentadas foram concebidas como exercício pleno das discussões historiográficas, pedagógicas e empíricas com o fito de compartilhar com profissionais da educação básica e da educação superior as múltiplas possibilidades de diálogos com o tema do pós-abolição e, em uma perspectiva mais ampla, a educação das relações étnico raciais.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. A exaltação das diferenças: racialização cultura e cidadania negra (1880-1890). Doutorado em História Social. Campinas, UNICAMP, 2004.

_____. O jogo da dissimulação – abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALBUQUERQUE, R. de; FRAGA, Walter. Uma história no Negro no Brasil _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo, Editora Cortez, 2009.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia. MEC/SEF, 1997.

BURKE,P. (org.) A escrita da História- novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CARDOSO, Fernando Henrique. Pensadores que inventaram o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CHALHOUB, Sidney . *Visões da liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia á república. Momentos decisivos*. 7ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

COSTA, Emília Viotti da.. *Da Senzala À Colônia*. 4ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

CARVALHO, Juvenal de. Uma Conversa sobre as Áfricas. Salvador, Martins & Martins, 2012.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: I Artes de fazer. Petrópolis, Ed. Vozes, 2013.

_____. A Escrita da História. Rio de Janeiro, Ed. Forense, 2011.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In_ Teoria e Educação nº 2 Porto Alegre: Pannonica Editora, 1990.

COLL, C; MARTÍN, E; MAURI, T (e outros. Orgs) O construtivismo na sala de aula. Rio de Janeiro: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. São Paulo, Editora UNESP, 1998.

_____. O Mundo como Representação. Estudos avançados 11(5), 1991.

COOPER, Frederick, HOLT, Thomas C. e SCOTT, Rebecca. Além da escravidão – investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedade pós-emancipação. Rio de

FONSECA, S.G. Caminhos da história ensinada. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FORQUIN, J.C. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. In: Teoria e educação. Discurso pedagógico, cultura e poder. Porto Alegre: Pannonica Editora, 1992.

_____. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

FREIRE, P. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. Pedagogia do oprimido. RJ: Paz e Terra, 1974.

FRAGA, Walter. Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX. Salvador: HUCITEC; UFBa, 1995.

_____. Encruzilhadas da Liberdade. 1870-1910. São Paulo, Unicamp, 2006.

_____. Repensando a Abolição uma entrevista com Walter Fraga Filho. Revista de História, 1, 1 (2009), pp. 119-124.

GINZBURG, Carlo. Mito, Emblemas e Sinais. Morfologia e História. São Paulo. Cia as Letras, 1999.

GOODSON, I. Currículo: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1995.

HOBBSBAWM, Eric. J. e RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. São Paulo. Livraria Martins, 1997.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes. O legado da "raça branca"*. São Paulo: Dominus Editora – USP, 1965.

FERNANDES, Florestan. *A sociedade escravista no Brasil*. In: FERNANDES, Florestan. *Circuito Fechado*. São Paulo: Hucitec, 1976.

FREITAS, Olga. Equipamentos e materiais didáticos. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

GOMES, Flávio dos Santos. No meio das Águas turvas – racismo e cidadania no alvorecer da república – a Guarda negra na Corte (1888-1889). Estudos Afro-asiáticos, n. 21, 1991.

IANNI, Octavio. *As metamorfoses do escravo. Apogeu e crise da escravatura no Brasil Meridional*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.

_____. *Raças e Classes Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

LARA, Sílvia Hunold. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. Revista projeto História, São Paulo, vol. 16, fevereiro-1998. 144.2004.

LUCA, Tania Regina de; MIRANDA, Sonia Regina. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.24, nº48, p.123-144.2004.

MACHADO, Maria Helena. *O Plano e o pânico: os movimentos sociais na década de abolição*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, EDUSP, 1994.

MATTOS, Hebe. *Das Cores do Silêncio – os significados da liberdade no sudeste escravista, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. “Racialização e cidadania no Império do Brasil”. In: José Murilo de Carvalho e Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves. (Org.) *Repensando o Brasil do Oitocentos. Cidadania, Política e Liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. 1, p. 349-391.

MONTEIRO, A.M. *Ensino de história: entre saberes e práticas*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2002.

_____. “A história ensinada: algumas configurações do saber escolar”. In: *História e Ensino*. Revista do Laboratório de Ensino de História da UEL. Vol. 9 Londina: Ed. da UEL, 2003.

MUNANGA, Kabengele. Argumentos a favor das cotas raciais. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.). *Educação e ações afirmativas: Entre a violência simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

_____. Uma abordagem Conceitual das noções de Raça, Racismo, Igualdade e Etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação - PENESB - RJ 05/11/2003.

_____. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

_____. Apresentação. In: BRASIL, *Superando o racismo na escola*.

MUNANGA, Kabengele (org.). Brasília: MEC / SECAD, 2008, p. 11-16. _____. Teoria Social e Relações Raciais No Brasil Contemporâneo. Cadernos Penseb, n. 12, 2010.

MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. São Paulo: PUC, 1997. Tese (Doutorado em Educação), PUC, 1997.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Historiografia sobre o negro, a escravidão e a herança cultural africana*. POLITEIA: História e Sociedade Vitória da Conquista v. 10 n.1 p. 151-171, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. SP, Contexto, 2006.

PIRES. Antonio Liberac Cardoso Simões Pires. *As Associações dos Homens de Cor em São Paulo*. Tocantins, MEC/UFT, 2001.

RAEDERS, Georges. *O inimigo cordial do Brasil – o conde Gobineau no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

REIS, João José. *Domingos Sodré – um sacerdote africano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe Maria. *Memórias do Cativo – família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. e MATTOS, Hebe Maria. *Para além das senzalas: campesinato, política e trabalho rural no Rio de Janeiro Pós-abolição*. In: CUNHA, Olívia M^a Gomes da, e GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Quase-cidadão – histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

KI-ZERBO, JOSEPH (Coord.). *História Geral da África: metodologia e pré-história da África*. 2.ed. revisada. Vol. I. BRASÍLIA:UNESCO, 2010.

SACRISTÁN, J.G. *Escolarização e cultura: a dupla determinação*. In: SILVA, L.H.; AZEVEDO, J.C. de; SANTOS, E.S. (orgs.) *Novos mapas culturais. Novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1996.

SCHWARCZ, Lilia M. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo, Scipione, 2009.

Secretaria de Educação Básica. *Guia do Livro Didático. PNLD 2014. História: ensino fundamental. Anos Finais*. Brasília, Ministério da Educação, 2013.

SCHON, D.A. "Formar professores como profissionais reflexivos". In: NÓVOA, A. (org.) *Os professores e sua formação*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995.

SILVA, Alberto da Costa. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. São Paulo, Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Ana Célia da. *Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático*. Salvador, EDUFBA, 2010.

_____. *A Representação Social do Negro no Livro Didático: o que mudou? Porque mudou?* Salvador, EDUFBA, 2011.

TARDIF, M. *As concepções do saber dos professores de acordo com diferentes tradições teóricas e intelectuais*. RJ, PUC/RJ (digit.)- 2000.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-14.

_____. As peculiaridades dos ingleses. In.: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998a. v. 1. (Coleção Textos Didáticos).

_____. As peculiaridades dos ingleses. In.: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998b. v. 2, p. 57-106. (Coleção Textos Didáticos)

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. História Geral do Brasil. Tomo 1. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1953.